

RCP NEWS

REVISTA / EDIÇÃO 04 / ESPECIAL



CONHECIMENTO PARA COMPREENDER. CORAGEM PARA TRANSFORMAR.

EDUCAÇÃO · CIDADANIA · ARTES MARCIAIS · JUSTIÇA

PROF. ROQUE CORTES PEREIRA | EDITOR-FUNDADOR

JORNALISMO DE PROFUNDIDADE. INTELIGÊNCIA QUE GERA TRANSFORMAÇÃO.

Conhecimento para compreender. Coragem para transformar.

Esta edição da Revista RCP News nasce de uma convicção: conhecer é uma responsabilidade que se renova a cada pergunta, a cada experiência e a cada decisão. A velocidade da informação nos oferece inúmeras respostas. Nosso desafio é cultivar a atenção necessária para compreendê-las e colocá-las a serviço da vida.

A educação abre este encontro. A inteligência artificial pode ampliar possibilidades, mas exige discernimento, formação de professores e compromisso com a aprendizagem. Uma resposta bem apresentada não substitui o percurso de quem investiga, compreende, erra e aprende a pensar por si.

Nas páginas dedicadas ao karatê e ao judô, encontramos a força da disciplina, do respeito e da transmissão entre gerações. Na justiça, na saúde e na ação social, encontramos diferentes formas de uma mesma escolha: cuidar das pessoas e construir instituições responsáveis.

Nosso jornalismo reúne experiências e pontos de vista que merecem ser lidos com espírito crítico. A memória tem valor quando preserva as pessoas e seus contextos; a inovação tem sentido quando amplia as condições de aprender, participar e viver com dignidade.

Convido você a percorrer estas páginas com curiosidade e liberdade de pensamento. Que cada leitura ofereça uma pergunta, uma reflexão e, sobretudo, uma oportunidade de transformar conhecimento em ação. Ensinar é transmitir conhecimento. Inspirar é deixar legado. Excelsior!

PROF. ROQUE CORTES PEREIRA

Editor-fundador

Uma edição para pensar, aprender e agir

50 páginas · Curadoria editorial · Edição digital

EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO

- 09** Inteligência artificial e educação: aprender a pensar na era...
- 12** Responder não é aprender: a qualidade da resposta não comprova...
- 15** O futuro já começou: a inteligência artificial está...
- 19** Tutoria educacional: recuperar a aprendizagem é enfrentar a...

NEGÓCIOS E EMPREENDEDORISMO

- 22** Como Empreender no Dojo

ARTES MARCIAIS

- 24** Dia do Karatê: o caminho das mãos vazias e o legado de uma vida
- 26** Undo Kan: 49 anos de tradição e um legado que atravessa...

LITERATURA E CULTURA

- 30** O Caminho do Judô: livro de Ricardo Robson da Silva destaca...
- 32** Eric Hoffer e o fanatismo: quando a certeza ocupa o lugar da...

CIDADANIA E SOCIEDADE

- 34** A anatomia da omissão
- 37** CEPT-Horta projeta novo ciclo de atendimento social em Lins com...
- 40** Irmão José Alarico Rebouças: uma trajetória de dedicação,...

JUSTIÇA E DIÁLOGO

- 42** Formar um juiz arbitral é formar responsabilidade — não apenas...

SAÚDE E BEM VIVER

- 46** Saúde não é punição: é consciência, acesso e cuidado contínuo
- 48** A felicidade começa no caminho: atenção, propósito e relações...

04	Expediente	05-06	Acontecimentos	07-08	Matéria de capa
-----------	------------	--------------	----------------	--------------	-----------------

Conteúdo editorial selecionado; fontes e créditos nas respectivas páginas.

Quem faz a RCP News

DIREÇÃO GERAL, EDITOR-CHEFE E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Prof. Roque Cortes Pereira

GESTÃO DE COMUNICAÇÃO, REDAÇÃO E PRODUÇÃO DIGITAL

Equipe RCP News

DESIGN, IDENTIDADE VISUAL E CRIAÇÃO DIGITAL

Equipe RCP News

COMERCIAL E PUBLICIDADE

Eduardo Rodrigues Moreira

FOTOGRAFIA E IMAGENS

Roberto Esteves · Arquivo RCP News, autores e parceiros

DISTRIBUIÇÃO E CONTATO

Publicação digital · rcpnews.com.br · WhatsApp: (11) 4289-0384

POR QUE ESTA CAPA?

O livro aberto representa a educação e o conhecimento compartilhado; o horizonte sugere o futuro que ajudamos a construir. A luz dourada traduz a esperança e o compromisso de transformar reflexão em ação. A imagem é uma ilustração conceitual criada com inteligência artificial, não um registro de lugar real.

As opiniões dos artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As imagens são identificadas nas respectivas matérias. Conteúdos publicitários aparecem como espaços institucionais.

Fonte do expediente: rcpnews.com.br/expediente/ · Dados consultados em 27/10/2026.

Fatos, memória e iniciativas

Seleção de acontecimentos e publicações da RCP News · Outubro de 2026

09 OUT 2026

GOSP: 105 anos e responsabilidade com o futuro



O Grande Oriente de São Paulo foi homenageado em sessão na Assembleia Legislativa. O editorial do Professor Roque registra a celebração e propõe uma reflexão sobre a continuidade do legado institucional.

Homenagem ao GOSP na ALESP, 9/10/2026. Acervo Prof. Roque Cortes Pereira.

LEIA A MATÉRIA ORIGINAL ➔

24 OUT 2026 · PUBLICAÇÃO

Undo Kan: memória do karatê no Paraná



A reportagem revisita a trajetória da Undo Kan, fundada em 1977, e o trabalho de Ladislav Lench e Roberto dos Passos no Sudoeste paranaense. O relato histórico distingue marcos da academia e da prática de seu professor.

Capa RCP News elaborada com apoio de IA a partir da imagem fornecida à redação.

LEIA A MATÉRIA ORIGINAL ➔

19 OUT 2026 · PUBLICAÇÃO

Educação e oportunidades em Lins

A reportagem sobre a CEPT-Horta apresenta a proposta de um novo ciclo de atendimento social, com educação, alimentação e qualificação. O texto descreve planos da instituição, não sua execução concluída.

ACESSAR A FONTE ➔

Conhecimento em movimento

Seleção de acontecimentos e publicações da RCP News · Outubro de 2026

23 OUT 2026 · PUBLICAÇÃO

RCP Futuro: educação na era da inteligência artificial



O primeiro capítulo do dossiê aborda autoria, avaliação, formação docente e proteção de dados. A pergunta que orienta a matéria é como a tecnologia pode apoiar a compreensão sem substituir o pensamento do estudante.

Ilustração editorial produzida com inteligência artificial para o RCP News; não representa uma sala de aula identificada.

[LEIA A MATÉRIA ORIGINAL](#) ➔

25 OUT 2026

Dia do Karatê: formação que ultrapassa o tatame



A data foi ocasião para recordar as raízes da celebração em Okinawa e refletir sobre disciplina, respeito e memória. O projeto Legado do Karatê propõe preservar experiências e transmitir conhecimentos às novas gerações.

Arte comemorativa elaborada com apoio de inteligência artificial a partir do criativo aprovado do Prof. Roque.

[LEIA A MATÉRIA ORIGINAL](#) ➔

24 NOV 2026 · NA AGENDA

RCP News Talks: tradição e legado

O portal anuncia uma conversa com o Mestre Ladislav Lench às 21h, horário de Brasília. Programação anunciada; consulte o portal para atualizações.

[ACESSAR A FONTE](#) ➔

Conhecimento para compreender. Coragem para transformar.

Por Prof. Roque Cortes Pereira · Editor-fundador · Editorial



A informação se multiplica em velocidade inédita. Nosso desafio é transformá-la em compreensão, discernimento e escolhas que melhorem a vida das pessoas.

Educação, cidadania, liderança e a coragem de construir um legado responsável.

Prof. Roque Cortes Pereira. Fotografia fornecida pelo autor.

Vivemos cercados de respostas. Elas chegam em telas, conversas, relatórios e mensagens que disputam nossa atenção a cada instante. Entretanto, receber informação não significa compreender o mundo. Compreender exige tempo para perguntar, conferir, ouvir e reconhecer que uma realidade pode ser mais complexa do que parece à primeira vista.

É por isso que esta edição escolhe o conhecimento como ponto de partida. Conhecimento não é um acúmulo de frases nem um certificado guardado na parede. É uma construção que combina estudo, experiência, diálogo e disposição para corrigir o próprio caminho. Seu valor se revela quando nos ajuda a decidir com mais responsabilidade.

A transformação começa quando aquilo que aprendemos encontra a vida concreta: a escola que acolhe, o profissional que age com ética, a instituição que presta contas e o cidadão que participa sem abrir mão do respeito. Nenhuma mudança importante se sustenta apenas em boas intenções. Ela precisa de trabalho, método e continuidade.

Compreender é o primeiro passo. Agir é assumir responsabilidade.

Educação que forma autonomia

Como professor, acredito que ensinar é criar condições para que cada pessoa desenvolva o próprio pensamento. O estudante precisa aprender a investigar uma fonte, explicar um raciocínio e reconhecer os limites de uma resposta. A tecnologia pode apoiar esse percurso; não pode substituir a responsabilidade humana de compreender e decidir.

A inteligência artificial torna essa questão ainda mais urgente. Uma ferramenta pode organizar ideias e oferecer explicações, mas a qualidade de seu resultado deve ser examinada. A pergunta decisiva para a escola é se o aluno desenvolveu a capacidade de pensar e aplicar o que estudou. A OCDE destaca a importância de objetivos pedagógicos claros nesse processo.

Coragem para ouvir e dialogar

A coragem de transformar também aparece na disposição de ouvir quem pensa de maneira diferente. Dialogar não exige abandonar convicções. Exige apresentá-las com clareza, examinar evidências e aceitar que ninguém conhece sozinho todas as dimensões de um problema.

Na vida pública, nas organizações e nas famílias, o respeito não é um detalhe de linguagem. É uma condição para enfrentar divergências sem romper os vínculos que tornam possível a convivência. A crítica responsável aponta problemas e, ao mesmo tempo, procura caminhos.

Disciplina, exemplo e legado

As artes marciais me ensinaram que a disciplina se constrói na repetição consciente. É comparecer, ouvir uma correção, reconhecer limites e recomeçar. No trabalho e no empreendedorismo, essa mesma atitude ajuda a transformar uma ideia em um compromisso acompanhado por planejamento e ações.

Quem lidera deixa marcas nas pessoas. Por isso, liderança não se mede apenas pela capacidade de anunciar resultados; também se revela na coerência entre o discurso e o comportamento, no cuidado com a equipe e na disposição de prestar contas.

Legado não é apenas aquilo que guardamos do passado. É o que transmitimos por meio do exemplo, dos documentos que preservamos, dos espaços que ajudamos a construir e das oportunidades que abrimos para as próximas gerações. Ensinar é transmitir conhecimento. Inspirar é deixar legado.

Minha proposta ao leitor é simples e exigente: cultive a curiosidade, verifique antes de afirmar, transforme aprendizado em atitude e mantenha a disposição de servir. Conhecimento para compreender. Coragem para transformar. Excelsior!

Referência: OCDE, Digital Education Outlook 2026. Clique para consultar a fonte.

Inteligência artificial e educação: aprender a pensar na era das respostas instantâneas

Prof. Roque Cortes Pereira · 23/10/2026



No Capítulo I do RCP FUTURO, formação docente, autoria, avaliação e proteção de dados entram no centro de uma discussão sobre o que significa aprender com inteligência artificial.

Ilustração editorial produzida com inteligência artificial para o RCP News; não representa uma sala de aula identificada.

A escola sempre conviveu com transformações na maneira de registrar, consultar e transmitir o conhecimento. A inteligência artificial generativa acrescenta uma mudança particularmente sensível: além de localizar informações, consegue produzir textos, explicações, imagens e soluções que se parecem com o resultado do trabalho intelectual de uma pessoa. Diante disso, uma pergunta precisa orientar a discussão educacional: o estudante compreendeu o que entregou?

Essa pergunta desloca o debate da velocidade da ferramenta para a qualidade da aprendizagem. Uma redação bem organizada pode esconder argumentos que o aluno não sabe sustentar. Uma resolução correta pode ocultar um procedimento que ele não consegue repetir. Ao mesmo tempo, uma explicação adaptada, uma simulação ou uma sequência de perguntas podem ajudar alguém a superar uma dificuldade. O resultado depende do objetivo, da atividade proposta, das condições de acesso e da mediação pedagógica.

Este primeiro capítulo aprofunda a discussão aberta na edição inaugural do RCP FUTURO. O ponto de partida é uma convicção editorial: educar exige desenvolver compreensão, discernimento e responsabilidade. A tecnologia deve ser examinada por sua contribuição a essas capacidades.

Inteligência artificial e educação: aprender a pensar na era das respostas instantâneas

Responder melhor não comprova aprender mais

O relatório Digital Education Outlook 2026, da OCDE, distingue ganhos na execução de tarefas de ganhos efetivos de aprendizagem. Sua síntese aponta que a IA generativa pode apoiar o aprendizado quando existe uma orientação pedagógica clara. Também alerta que terceirizar atividades intelectuais a ferramentas generalistas pode melhorar o produto entregue sem desenvolver as competências que a tarefa deveria exercitar.

Essa evidência pede cuidado com conclusões universais. Os resultados variam conforme a ferramenta, o desenho da atividade, o estudante e a forma de avaliação. Uma experiência delimitada não autoriza afirmar que toda IA melhora ou prejudica a educação. O critério relevante é verificar se o aluno consegue explicar, aplicar e revisar o conhecimento, inclusive em situações nas quais a ferramenta não está disponível.

Uma escola pode, por exemplo, solicitar que o estudante compare uma resposta gerada por IA com duas fontes identificadas, localize uma afirmação sem sustentação e explique sua correção. Nesse caso, o exercício não termina no texto produzido: exige investigação e julgamento. Trata-se de uma proposta pedagógica deste editorial, a ser adaptada ao contexto da turma, e não de uma receita comprovada para qualquer situação.

O professor precisa de formação e condições de trabalho

Exigir inovação sem oferecer tempo, apoio e formação transfere ao professor uma responsabilidade que também é institucional. Escolher ferramentas, compreender limitações, planejar atividades e acompanhar resultados demanda trabalho. A aquisição de uma plataforma não resolve essas necessidades.

A UNESCO organiza seu referencial de competências docentes em IA em cinco dimensões: perspectiva centrada no ser humano, ética, fundamentos e aplicações, pedagogia e desenvolvimento profissional. O documento reúne 15 competências, distribuídas em níveis progressivos. Seu alcance é mais amplo que aprender comandos: envolve saber quando, por que e com quais limites utilizar uma tecnologia.

Na prática, a formação precisa contemplar erros factuais, vieses, verificação de referências, acessibilidade, proteção de dados e critérios de avaliação. Também deve assegurar espaço para o professor recusar um uso inadequado. Autonomia profissional pressupõe conhecimento e condições para decidir, além da obrigação de justificar escolhas.

Autoria precisa de regras compreensíveis

Se uma atividade permite IA para organizar ideias, mas exige redação própria, isso deve ser informado antes da entrega. Se o exercício avalia uma habilidade sem auxílio tecnológico, a restrição também precisa estar clara. Regras ambíguas dificultam a aprendizagem e tornam a cobrança injusta.

Uma orientação institucional pode distinguir etapas: pesquisa inicial, planejamento, produção, revisão e apresentação. Em cada uma, cabe definir o que é permitido e como declarar a participação da ferramenta. Um registro simples pode informar qual recurso foi utilizado, para qual finalidade e o que o estudante verificou ou modificou. A forma deve respeitar a idade e o nível de ensino.

Inteligência artificial e educação: aprender a pensar na era das respostas instantâneas

Declarar o uso não dispensa conferir fatos e referências. Sistemas generativos podem apresentar informações incorretas com aparência de segurança. Antes de aceitar uma citação, é necessário localizar a publicação original e verificar se ela sustenta a afirmação. Responsabilidade autoral continua envolvendo decisões humanas sobre o que será assinado e compartilhado.

Avaliar também é acompanhar o caminho

Quando o produto final pode ser produzido rapidamente por uma máquina, acompanhar o processo ganha relevância. Rascunhos comentados, explicações orais, resolução em sala, comparação de versões e aplicação a novos problemas ajudam o professor a observar o raciocínio do estudante.

Isso não exige abandonar provas ou trabalhos. Exige combinar instrumentos de acordo com aquilo que se deseja avaliar. Em determinadas atividades, o aluno pode utilizar IA e justificar suas decisões. Em outras, precisa demonstrar domínio sem o recurso. As duas situações podem fazer sentido quando o objetivo está explícito.

Uma suspeita de uso indevido deve ser examinada com evidências, critérios transparentes e oportunidade de esclarecimento. O acompanhamento do percurso oferece uma base pedagógica mais consistente para essa conversa do que conclusões apressadas sobre um texto isolado.

Dados de estudantes merecem cuidado desde o planejamento

Uma atividade aparentemente simples pode envolver informações pessoais, imagens, desempenho escolar ou relatos sensíveis. Antes de inserir esses conteúdos em uma ferramenta, a instituição precisa compreender finalidade, necessidade, condições de tratamento, segurança e responsabilidades. A ANPD destaca esses princípios no debate sobre proteção de dados na educação.

A orientação da UNESCO para IA generativa também chama atenção para privacidade, adequação etária e avaliação pedagógica e ética. Por isso, a escolha de um recurso não pode se basear apenas em popularidade ou facilidade de uso. Termos do serviço, regras de idade e políticas da instituição precisam ser examinados.

Como medida de prudência, atividades podem trabalhar com exemplos fictícios e informações não identificáveis, evitando enviar dados pessoais a serviços não avaliados pela escola. Essa recomendação não substitui a análise jurídica e técnica de cada instituição nem presume que uma única base legal resolva todos os contextos.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

Responder não é aprender: a qualidade da resposta não comprova o conhecimento

Prof. Roque Cortes Pereira · 26/10/2026



A inteligência artificial pode produzir respostas excelentes. Mas quem está desenvolvendo o conhecimento: o estudante ou a máquina? Uma reflexão sobre aprendizagem, autonomia e mediação docente.

RCP FUTURO · Capítulo I · Artigo 2. Ilustração criada com IA.

A ilusão do conhecimento na era das respostas instantâneas

Imagine dois estudantes diante de um problema complexo.

O primeiro lê o enunciado, identifica dificuldades, consulta materiais, formula hipóteses, comete erros, corrige procedimentos e finalmente encontra uma solução.

O segundo apresenta a mesma questão a um sistema de inteligência artificial e recebe, em poucos segundos, uma resposta organizada, convincente e aparentemente perfeita.

Ao final, ambos podem entregar trabalhos de qualidade semelhante.

Mas será que aprenderam a mesma coisa?

Essa pergunta revela um dos maiores desafios educacionais do nosso tempo: a qualidade de uma resposta não comprova, necessariamente, a existência de conhecimento em quem a apresenta.

A inteligência artificial generativa está modificando profundamente a relação entre informação, produção intelectual e aprendizagem. Sua capacidade de elaborar conteúdos sofisticados cria oportunidades extraordinárias, mas também exige uma reflexão sobre o verdadeiro significado de aprender.

Durante muito tempo, a escola utilizou a resposta como um dos principais indicadores de conhecimento. Quem respondia corretamente demonstrava, em determinadas condições, ter compreendido o conteúdo.

Agora, quando sistemas automatizados podem produzir respostas complexas, essa associação precisa ser examinada com mais cuidado.

Responder não é aprender: a qualidade da resposta não comprova o conhecimento

O problema não está na inteligência artificial em si. Está na possibilidade de confundirmos o resultado apresentado com a capacidade intelectual efetivamente desenvolvida.

1. O que significa aprender de verdade?

Aprender não é simplesmente receber uma informação ou reproduzir uma explicação.

A aprendizagem envolve processos cognitivos que permitem compreender conceitos, estabelecer relações, reconhecer padrões, interpretar situações e utilizar conhecimentos em circunstâncias diferentes daquelas em que foram adquiridos.

Um estudante pode memorizar uma fórmula sem compreender sua aplicação. Pode reproduzir um argumento sem reconhecer suas limitações. Pode apresentar uma análise elaborada sem conseguir explicar o raciocínio que a sustenta.

A inteligência artificial amplia essas possibilidades de dissociação.

Quando a ferramenta produz a maior parte do trabalho intelectual, o estudante pode concluir a atividade sem necessariamente desenvolver as competências que ela deveria estimular.

Isso não significa que toda utilização da tecnologia prejudique a aprendizagem.

Significa que o valor educacional de uma ferramenta depende daquilo que ela permite ao estudante aprender, e não apenas daquilo que consegue produzir em seu lugar.

2. A ciência já identificou esse risco

O debate não se limita a uma preocupação filosófica.

Um estudo publicado em 2025 na revista científica *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS) examinou o uso de sistemas de inteligência artificial por aproximadamente mil estudantes do ensino médio em atividades de matemática.

Os pesquisadores compararam diferentes condições, incluindo uma ferramenta de IA de uso mais livre e outra desenvolvida para oferecer apoio pedagógico estruturado.

Durante as atividades práticas, os estudantes com acesso às ferramentas apresentaram desempenho superior ao grupo de comparação.

Entretanto, quando precisaram realizar uma avaliação sem auxílio tecnológico, aqueles que haviam utilizado a versão mais livre tiveram desempenho aproximadamente 17% inferior ao grupo que não recebeu acesso à IA. Trata-se de uma diferença relativa nas notas, e não de uma queda de 17 pontos percentuais.

A versão com mecanismos de orientação pedagógica reduziu substancialmente esse efeito negativo.

O resultado não demonstra que a inteligência artificial seja prejudicial em todas as situações. O estudo investigou um contexto específico de aprendizagem matemática.

Mas oferece uma advertência importante: melhor desempenho durante a execução de uma atividade não significa, automaticamente, maior aprendizagem.

O OECD Digital Education Outlook 2026, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), reforça essa distinção.

Segundo o relatório, sistemas generativos de uso geral podem melhorar a qualidade das tarefas realizadas pelos estudantes sem produzir ganhos equivalentes de aprendizagem. O documento recomenda que seu uso seja orientado por objetivos pedagógicos claros e preserve o desenvolvimento de competências humanas.

Responder não é aprender: a qualidade da resposta não comprova o conhecimento

A mensagem é particularmente relevante para escolas e universidades: não basta medir o que o estudante entrega. É necessário compreender o que ele efetivamente aprendeu.

3. Quando a facilidade se transforma em dependência intelectual

A tecnologia sempre modificou as maneiras de estudar.

Calculadoras, computadores, mecanismos de busca e bibliotecas digitais ampliaram o acesso a recursos e reduziram o tempo necessário para diversas atividades.

A inteligência artificial introduz, entretanto, uma diferença importante.

Ela não apenas localiza informações. Também pode interpretar perguntas, organizar argumentos, formular explicações e apresentar conclusões.

Em outras palavras, a ferramenta pode executar partes do processo intelectual que tradicionalmente cabiam ao estudante.

Essa possibilidade é extremamente útil quando empregada com critério.

Mas pode favorecer uma dependência progressiva quando o estudante passa a delegar sistematicamente tarefas que deveria aprender a realizar.

O risco é desenvolver uma competência aparente: a pessoa consegue apresentar resultados sofisticados enquanto dispõe da ferramenta, mas encontra dificuldades para explicar, avaliar ou reproduzir o raciocínio de maneira independente.

Essa condição merece atenção especial porque a própria qualidade das respostas pode esconder a fragilidade da aprendizagem.

Quanto mais convincente o conteúdo gerado, menor pode ser a percepção de que algo essencial deixou de acontecer: o esforço de compreender.

4. O erro continua sendo parte indispensável da formação

Existe uma dimensão da aprendizagem que não pode ser eliminada pela busca permanente de eficiência: o encontro com a dificuldade.

Quando um estudante tenta resolver um problema, identifica uma contradição ou percebe que sua hipótese estava equivocada, ele encontra uma oportunidade de reorganizar o pensamento.

O erro, quando acompanhado de orientação adequada, pode revelar o que ainda precisa ser aprendido.

A inteligência artificial pode contribuir significativamente nesse processo.

Em vez de fornecer imediatamente a solução completa, pode apresentar pistas, formular perguntas, demonstrar caminhos alternativos e ajudar o estudante a reconhecer onde seu raciocínio precisa ser revisto.

Essa utilização preserva o protagonismo intelectual.

O objetivo não deve ser transformar toda atividade em um processo mais rápido, mas criar condições para que a aprendizagem seja mais consistente.

A educação não pode confundir a eliminação das dificuldades com a superação das dificuldades.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

O futuro já começou: a inteligência artificial está transformando o mundo. E o Brasil, está preparado?

Prof. Roque Cortes Pereira • 21/10/2026



A revolução da inteligência artificial avança sobre universidades, empresas, laboratórios e governos. Entre oportunidades científicas, novas exigências profissionais e riscos à autonomia tecnológica, o Brasil enfrenta uma decisão estratégica: participar da construção do futuro ou limitar-se a consumir as tecnologias desenvolvidas por outros países.

Ilustração editorial gerada com inteligência artificial para a edição inaugural do RCP FUTURO.

Uma transformação que ultrapassa a tecnologia

Há momentos na história em que determinadas inovações deixam de representar apenas avanços técnicos e passam a modificar profundamente a organização da sociedade.

A máquina a vapor transformou a produção. A eletricidade revolucionou a indústria e a vida cotidiana. A internet redefiniu as comunicações, os negócios e o acesso à informação.

Agora, a inteligência artificial inaugura uma transformação de natureza particularmente complexa: pela primeira vez em escala tão ampla, sistemas computacionais participam de atividades anteriormente associadas à produção intelectual humana.

Máquinas já são capazes de produzir textos, interpretar imagens, analisar grandes conjuntos de dados, desenvolver códigos computacionais e apoiar processos de pesquisa científica.

Entretanto, a capacidade de executar tarefas não deve ser confundida com consciência, compreensão humana ou responsabilidade moral.

Essa distinção é fundamental para compreender os limites e as possibilidades da nova revolução tecnológica.

O avanço que desafia governos e instituições

A expansão da inteligência artificial coloca uma questão central para as sociedades contemporâneas: a velocidade da inovação está sendo acompanhada pela capacidade das instituições de compreender, regulamentar e utilizar essas tecnologias?

Universidades precisam rever métodos de ensino. Empresas procuram reorganizar processos produtivos. Profissionais enfrentam novas exigências de qualificação. Governos discutem infraestrutura, segurança e proteção de direitos.

O futuro já começou: a inteligência artificial está transformando o mundo. E o Brasil, está preparado?

A transformação ocorre simultaneamente em diferentes setores, criando oportunidades de desenvolvimento e riscos de ampliação das desigualdades.

Não basta introduzir sistemas inteligentes em organizações. É necessário avaliar sua qualidade, compreender seus limites e identificar os impactos de sua utilização.

Educação: o conhecimento não pode ser substituído pela resposta automática

A inteligência artificial permite acesso rápido a informações, explicações e ferramentas de aprendizagem.

Essa possibilidade representa uma oportunidade relevante para ampliar recursos educacionais.

Entretanto, também apresenta um risco: confundir a facilidade de obter respostas com a verdadeira construção do conhecimento.

Aprender exige interpretação, reflexão, questionamento e capacidade de aplicar conceitos em situações concretas.

A universidade do futuro precisará formar profissionais que saibam utilizar sistemas inteligentes sem abandonar o pensamento crítico.

O professor continuará desempenhando papel essencial como mediador do conhecimento, orientador intelectual e responsável pela formação humana.

A tecnologia pode auxiliar o processo educativo. Mas não deve reduzir a educação a uma atividade de reprodução automatizada de conteúdos.

Trabalho: a produtividade precisa gerar desenvolvimento humano

A inteligência artificial também está modificando atividades profissionais.

Tarefas administrativas, análises documentais, produção de conteúdo, programação e atendimento podem ser parcialmente automatizados.

Isso não significa o desaparecimento inevitável de todas as profissões afetadas.

Significa, porém, que diversas ocupações passarão por transformações em suas competências, métodos e responsabilidades.

A questão central não é apenas quanto as empresas poderão produzir utilizando inteligência artificial.

É saber como os ganhos de produtividade serão distribuídos e quais oportunidades serão oferecidas aos trabalhadores para desenvolver novas capacidades.

Uma transformação tecnológica socialmente responsável exige qualificação, proteção de direitos e participação dos profissionais nas mudanças organizacionais.

Ciência: a inteligência artificial pode acelerar descobertas

Na pesquisa científica, sistemas computacionais permitem analisar informações em escala anteriormente difícil de alcançar.

Aplicações em biologia, química, medicina, física e estudos ambientais ampliam possibilidades de investigação.

O potencial é significativo, especialmente para países que precisam enfrentar desafios complexos em saúde pública, agricultura, energia e sustentabilidade.

Entretanto, resultados produzidos por modelos computacionais precisam ser submetidos à validação científica.

A velocidade de uma previsão não substitui a comprovação experimental.

O futuro já começou: a inteligência artificial está transformando o mundo. E o Brasil, está preparado?

O desenvolvimento científico depende de métodos rigorosos, transparência e capacidade de reprodução dos resultados.

A inteligência artificial deve fortalecer a ciência, não comprometer seus fundamentos.

Soberania tecnológica: o Brasil precisa participar da construção

Um dos desafios mais importantes para o Brasil é reduzir dependências tecnológicas críticas.

O desenvolvimento de inteligência artificial exige infraestrutura computacional, acesso a dados adequados, energia, financiamento e profissionais especializados.

Países que concentram essas capacidades possuem vantagens econômicas e estratégicas.

O Plano Brasileiro de Inteligência Artificial 2024-2028 representa uma iniciativa de organização das políticas nacionais para o setor.

Contudo, sua relevância dependerá da execução efetiva das ações previstas e dos resultados alcançados.

O Brasil precisa transformar sua capacidade acadêmica e científica em inovação, desenvolvimento empresarial e soluções para problemas nacionais.

Soberania tecnológica não significa isolamento internacional. Significa possuir capacidade própria de pesquisar, desenvolver, avaliar e negociar tecnologias fundamentais.

Ética: a responsabilidade permanece humana

O crescimento da inteligência artificial também amplia questões relacionadas à privacidade, discriminação, transparência e responsabilidade.

Sistemas automatizados podem produzir erros e reproduzir desigualdades presentes nos dados utilizados em seu desenvolvimento.

Quando essas ferramentas influenciam decisões sobre emprego, saúde, educação ou acesso a serviços, os riscos precisam ser avaliados cuidadosamente.

A adoção de tecnologias inteligentes exige supervisão humana efetiva, mecanismos de correção e clareza sobre responsabilidades.

O progresso tecnológico não deve ser medido exclusivamente pela capacidade das máquinas.

Deve ser avaliado também por sua contribuição para a dignidade humana, a justiça e o desenvolvimento social.

O futuro será resultado das escolhas do presente

A inteligência artificial continuará avançando.

Entretanto, suas consequências econômicas, educacionais e sociais não estão inteiramente determinadas.

Governos, universidades, empresas, pesquisadores e cidadãos participarão da definição dos caminhos dessa transformação.

O Brasil possui oportunidades relevantes, mas precisa superar desafios estruturais para aproveitá-las.

Investimento científico, educação de qualidade, infraestrutura tecnológica, segurança jurídica e responsabilidade institucional são elementos essenciais dessa trajetória.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.



HEX

INTELIGÊNCIA E CONEXÕES ESTRATÉGICAS

Uma boa conexão. Um novo horizonte para o seu negócio.

Aproxime pessoas, capital e projetos com visão de longo prazo. A HEX reúne inteligência de negócios e conexões estratégicas, com foco em desenvolvimento imobiliário e negócios estruturados.

CONEXÕES

Relacionamentos entre empresas, investidores e desenvolvedores.

INTELIGÊNCIA

Análise e estruturação de oportunidades de negócio.

PARTICIPAÇÃO

Parcerias estratégicas em projetos e negócios.

INTERMEDIACÃO

Aproximação das partes com discrição e alinhamento.



**Apresente seu projeto.
Converse com a HEX.**

hexbrasil.com

Tutoria educacional: recuperar a aprendizagem é enfrentar a desigualdade

Prof. Roque Cortes Pereira • 15/10/2026



No Dia dos Professores, Prof. Roque defende tutoria estruturada, valorização docente e políticas contínuas para garantir o direito de aprender.

Arte editorial produzida com apoio de inteligência artificial a partir de fotografia fornecida pelo autor.

Uma escola pode assegurar matrícula, frequência e aprovação sem conseguir garantir que todos os estudantes aprendam. Quando isso acontece, a exclusão permanece dentro da sala de aula: o aluno acompanha o calendário, mas perde progressivamente as condições de compreender o que lhe é ensinado. Enfrentar essa distância entre estar na escola e aprender precisa ocupar o centro das decisões educacionais brasileiras.

Defendo a tutoria educacional como uma estratégia fundamental desse enfrentamento. O acompanhamento individualizado ou em grupos reduzidos permite identificar dificuldades específicas, retomar conhecimentos essenciais e oferecer devolutivas que uma turma numerosa nem sempre comporta. Seu valor está em reconhecer o ponto de partida de cada estudante e construir condições para que ele avance.

Em matemática, essa atenção é decisiva. Dificuldades com o sistema de numeração, as operações e as frações comprometem aprendizagens posteriores. Exigir que o estudante acompanhe conteúdos cada vez mais complexos sem reconstruir essas bases aprofunda a distância entre o currículo e suas possibilidades reais de compreensão.

A experiência paulista oferece elementos relevantes para esse debate. Segundo a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o projeto Professor Tutor dos anos finais começou, em 2024, com um piloto em 200 escolas. O desenho divulgado para 2025 previa turmas multisseriadas de até 15 estudantes, com três aulas semanais presenciais, no turno regular. Trata-se de uma resposta organizada a dificuldades que não deveriam permanecer invisíveis.

Tutoria educacional: recuperar a aprendizagem é enfrentar a desigualdade

Os sinais divulgados pela administração são animadores. Em comunicação oficial de setembro de 2026, o governo paulista informou que estudantes atendidos pela tutoria apresentaram, em avaliações diagnósticas, uma velocidade de evolução de 1,7 a 2,9 vezes superior à média regular. A informação merece atenção, mas não equivale a um percentual de redução das defasagens em matemática: são indicadores distintos, cuja interpretação exige conhecer os testes, os grupos comparados e o período analisado.

Essa precisão protege o debate público. Uma melhora entre a avaliação inicial e a final pode refletir a contribuição da tutoria, o ensino regular e outras intervenções. Para estimar quanto do avanço foi provocado pelo programa, precisamos de uma comparação confiável com o que ocorreria sem ele. Da mesma forma, resultados gerais do Saresp não isolam, por si, o efeito dos tutores.

Há também desafios persistentes. Em balanço da própria Seduc-SP sobre 2025, estudantes avaliados em março e junho apresentaram avanços concentrados dentro de um patamar de conhecimentos associado ao 2º ano do ensino fundamental, sem ultrapassá-lo naquele intervalo. É possível aprender e continuar com grande defasagem. A política precisa reconhecer ambos os fatos para dimensionar a duração e a intensidade do atendimento.

As evidências internacionais fortalecem a defesa da tutoria. A meta-análise de Andre Nickow, Philip Oreopoulos e Vincent Quan, publicada em 2024 no *American Educational Research Journal*, encontrou efeito médio positivo de 0,288 desvio-padrão. A síntese reúne 89 estudos experimentais randomizados. Esse número expressa uma diferença padronizada de desempenho entre grupos; não representa 28,8% a mais de aprendizagem. Os efeitos tenderam a ser maiores em programas realizados durante o horário escolar, ao menos três dias por semana, e com professores ou profissionais de apoio pedagógico como tutores.

A pesquisa sustenta uma direção, sem oferecer garantia automática para qualquer implementação. Turmas de até 15 estudantes, como as previstas no desenho paulista, não devem ser equiparadas sem avaliação ao atendimento individual ou a grupos de dois ou três alunos. Tamanho do grupo, formação, frequência, material e continuidade alteram as possibilidades de personalização.

Também é necessário compreender por que essa política pode reduzir desigualdades. Famílias com mais recursos conseguem contratar aulas particulares e outras formas de apoio. Quando a escola pública oferece acompanhamento qualificado aos estudantes que mais precisam, amplia o acesso a uma oportunidade distribuída de maneira desigual. Para cumprir essa função, o programa deve alcançar também quem falta, enfrenta barreiras de transporte ou necessita de recursos de acessibilidade.

Defendo que o Brasil consolide essa agenda em regime de colaboração. Já existe uma base institucional: o Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens, instituído pelo Decreto nº 12.391, de 28 de fevereiro de 2025. Seu desenho prevê colaboração federativa, avaliação, formação e apoio técnico e financeiro. A proposta deve ser dar efetividade e continuidade a essa estrutura, incorporando modelos de tutoria testados nos diferentes contextos do país.

Tutoria educacional: recuperar a aprendizagem é enfrentar a desigualdade

Isso exige diagnóstico pedagógico que oriente a ação. O professor precisa saber quais habilidades o estudante domina, onde encontra obstáculos e como acompanhar seu progresso. Os agrupamentos devem ser flexíveis, revistos periodicamente e livres de rótulos permanentes. A tutoria deve criar caminhos de participação mais plena nas aulas regulares.

Exige também investimento nos profissionais. Tutores precisam de formação específica, remuneração adequada, tempo de planejamento e diálogo com os docentes da turma. Universidades podem colaborar com pesquisa e formação supervisionada. A expansão precisa preservar a responsabilidade pedagógica e oferecer apoio a quem ensina.

Proponho financiamento plurianual, com atenção especial às redes de menor capacidade fiscal e aos territórios de maior vulnerabilidade. O orçamento deve considerar materiais, espaços, acessibilidade, acompanhamento e condições de frequência. A continuidade do atendimento não pode depender exclusivamente de projetos passageiros ou da troca de gestores.

A inteligência artificial pode colaborar na preparação de atividades e no apoio ao trabalho docente, desde que seu uso seja supervisionado e avaliado. Um experimento publicado em 2025 na PNAS, realizado com estudantes de matemática do ensino médio na Turquia, mostrou que melhorar a resolução de exercícios com auxílio de IA não garante aprendizagem autônoma. O acesso sem salvaguardas prejudicou o desempenho posterior sem a ferramenta; uma versão com restrições pedagógicas mitigou esse efeito negativo. O resultado recomenda prudência e não autoriza generalizações para toda tecnologia educacional.

Por isso, defendo ferramentas que estimulem o raciocínio, ofereçam pistas graduais e permitam revisão pelo professor. Sua adoção deve considerar proteção de dados, acessibilidade e avaliação de aprendizagem sem assistência. Distribuir respostas prontas pode elevar o número de tarefas concluídas enquanto mantém intocadas as dificuldades do estudante.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

Como Empreender no Dojo

Redação RCP News • 06/01/2026

NEGÓCIOS E EMPREENDEDORISMO

Disciplina, estratégia e propósito.

Como Empreender no Dojo

Prof. Roque Cortes Pereira une artes marciais, liderança e empreendedorismo consciente

Em “Como Empreender no Dojo”, o Prof. Roque Cortes Pereira apresenta uma proposta original que conecta os valores tradicionais das artes marciais — disciplina, estratégia, respeito e perseverança — ao universo do empreendedorismo e da liderança contemporânea.

A obra demonstra como os princípios vivenciados no Dojo podem ser aplicados à gestão de negócios, à tomada de decisões e à formação de líderes éticos e conscientes. Com linguagem clara e exemplos práticos, o autor traduz ensinamentos milenares em ferramentas modernas para quem deseja empreender com propósito e responsabilidade.

Da leitura à prática

A disciplina pode orientar a rotina de quem empreende: estabelecer prioridades, acompanhar resultados e reservar tempo para aprender com decisões anteriores. Planejar não elimina a incerteza, mas ajuda a perceber riscos e ajustar a direção.

A estratégia também começa na escuta. Conhecer as necessidades das pessoas, avaliar recursos disponíveis e definir objetivos verificáveis permite transformar uma intenção em um plano de trabalho. Como no treinamento, a evolução depende de atenção e continuidade.

Para refletir: qual decisão do seu negócio precisa de mais clareza? Que hábito merece ser fortalecido? Qual conhecimento você pretende compartilhar com a equipe? Estas perguntas são propostas da redação para acompanhar a leitura.

Como Empreender no Dojo

Cinco perguntas para organizar um negócio

Propósito e público: qual problema a iniciativa procura resolver e para quem? Uma resposta específica ajuda a definir prioridades e evita promessas amplas demais. Conversar com clientes e observar suas necessidades são maneiras de testar a proposta.

Recursos e sustentabilidade: quanto custa operar, quais receitas são necessárias e que reservas existem para atravessar períodos difíceis? Acompanhar entradas, saídas e compromissos ajuda a transformar entusiasmo em decisões viáveis.

Equipe e aprendizado: quem responde por cada atividade, como o trabalho será acompanhado e o que pode ser aprimorado? Uma rotina breve de avaliação permite reconhecer acertos e corrigir falhas sem procurar culpados para cada dificuldade.

O dojô oferece uma imagem para essa caminhada: o progresso é construído com prática, respeito e disposição para aprender. No negócio, cada etapa pede escuta, revisão e responsabilidade com as pessoas afetadas pelas escolhas.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

Dia do Karatê: o caminho das mãos vazias e o legado de uma vida

Prof. Roque Cortes Pereira • 25/10/2026



Na trajetória do Prof. Roque Cortes Pereira, a prática marcial se encontra com a educação, a memória e o compromisso de transmitir às novas gerações ensinamentos que ultrapassam o tatame.

Arte comemorativa elaborada com apoio de inteligência artificial a partir do criativo aprovado do Prof. Roque.

Há aprendizados que não terminam quando o treino acaba. Permanecem na maneira de enfrentar uma dificuldade, reconhecer um limite, ouvir uma orientação e recomeçar. Neste 25 de outubro, Dia do Karatê, a reflexão se volta para essa dimensão da prática: o encontro entre técnica, disciplina e responsabilidade pela própria conduta.

Para o Prof. Roque Cortes Pereira, a data dialoga com uma trajetória de 50 anos como faixa-preta e com o projeto “Legado do Karatê – 50 anos”. Mais do que celebrar uma marca pessoal, a proposta é preservar experiências e compartilhar referências de formação humana, aproximando a história das artes marciais das perguntas do presente.

Uma data com raízes em Okinawa

Segundo os Arquivos da Prefeitura de Okinawa, a Assembleia local aprovou, em 2005, a resolução que instituiu o Dia do Karatê em 25 de outubro. A escolha remete ao encontro de mestres realizado nessa data, em 1936, associado à consolidação da denominação “karatê”. É dessa memória histórica que parte a celebração.

Dia do Karatê: o caminho das mãos vazias e o legado de uma vida

Conhecer a origem da data ajuda a dar profundidade à homenagem. O karatê reúne práticas, linhagens e experiências distintas; reconhecer suas raízes é também reconhecer o trabalho de quem ensinou, organizou espaços de treino e transmitiu conhecimentos ao longo das gerações.

Disciplina como prática cotidiana

A disciplina ganha sentido quando se traduz em atitudes concretas. Comparecer, repetir com atenção, acolher uma correção e respeitar o ritmo do aprendizado são gestos simples que sustentam a prática. O progresso exige continuidade e disposição para revisar aquilo que parecia dominado.

O lema “Disciplina é Liberdade”, adotado pelo Prof. Roque, expressa essa relação entre constância e autonomia. Preparar-se permite agir com mais consciência. Aprender a reconhecer os próprios limites também faz parte do caminho: responsabilidade não se mede apenas pelo que alguém consegue executar, mas pelas escolhas que faz diante de cada situação.

Esse entendimento pode orientar o trabalho, o estudo e a convivência. Não se trata de prometer que a prática, sozinha, resolverá todos os desafios. Trata-se de reconhecer seu potencial educativo quando o ensino é conduzido com cuidado, coerência e respeito.

O exemplo de quem ensina

Em um dojô, o conteúdo de uma aula aparece na técnica e na forma como as relações são construídas. Uma correção pode orientar sem humilhar. A exigência pode conviver com a escuta. O respeito precisa alcançar iniciantes, praticantes experientes e pessoas com diferentes condições de participação.

Nesse ambiente, o professor assume uma responsabilidade que vai além da demonstração dos movimentos. Sua conduta oferece referências sobre cooperação, autocontrole e compromisso. O valor de um ensinamento se revela, também, no modo como ele é transmitido.

É nessa perspectiva que educação e artes marciais se encontram na trajetória do Prof. Roque. A experiência acumulada encontra seu propósito quando pode ser compartilhada e transformada em oportunidade de aprendizado para outras pessoas.

Memória que precisa ser preservada

O projeto “Legado do Karatê – 50 anos” tem como horizonte reunir aproximadamente dez volumes dedicados à memória dessa caminhada e à história do karatê no Brasil. Fotografias, documentos, encontros e relatos constituem caminhos para compreender como a prática se desenvolveu e quais pessoas participaram de sua construção.

Preservar esse acervo exige atenção aos contextos. Identificar datas, creditar imagens e distinguir lembranças pessoais de registros documentais fortalece a narrativa e amplia sua utilidade para quem pesquisa, ensina ou deseja conhecer essa história.

A memória se torna mais rica quando reconhece mestres, colegas, alunos e comunidades. Cada registro pode revelar um espaço de ensino, uma etapa de formação e uma rede de pessoas que ajudou a manter o conhecimento em circulação.

O caminho das mãos vazias

A obra “Caminho das Mãos Vazias” integra esse universo de reflexão do Prof. Roque. Seu título oferece uma imagem para a data: continuar aprendendo pressupõe disposição para ouvir, reconhecer o que ainda falta e permitir que a experiência se transforme em conhecimento compartilhado.

Celebrar 50 anos como faixa-preta é olhar para uma trajetória e assumir a responsabilidade de dar continuidade ao que ela ensinou. O legado se constrói na aula preparada com cuidado, no documento preservado, no respeito demonstrado e no incentivo a quem começa.

Neste Dia do Karatê, a homenagem se estende a quem mantém essa transmissão viva. Que a prática encontre expressão na convivência e que a memória abra caminhos para as próximas gerações.

“Ensinar é transmitir conhecimento. Inspirar é deixar legado.”

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

Undo Kan: 49 anos de tradição e um legado que atravessa gerações no karatê do Sudoeste paranaense

Redação RCP News • 24/10/2026



Com 56 anos de prática de Wado Ryu, Ladislav Lench mantém vivo o trabalho iniciado com Roberto dos Passos em Francisco Beltrão, em 1º de julho de 1977: ensinar, formar professores e transmitir os valores do Karatê-Dô.

Capa RCP News elaborada com apoio de IA a partir da imagem fornecida à redação.

A história do karatê se preserva nas pessoas que dedicam a vida a ensinar e nos alunos que levam esse conhecimento adiante. Em Francisco Beltrão, essa trajetória tem dois nomes fundamentais: Ladislav Lench e Roberto dos Passos, responsáveis pela implantação da modalidade no Sudoeste do Paraná por meio da Academia Undo Kan, conforme o relato histórico de Ladislav.

Fundada em 1º de julho de 1977, a Undo Kan completou 49 anos em 2026. Sua trajetória reúne ensino do Wado Ryu, formação de professores, participação esportiva e transmissão de princípios como respeito, disciplina e perseverança.

A caminhada de Ladislav começou antes da fundação da academia. O mestre iniciou a prática do karatê Wado Ryu em Curitiba, no início de 1970, completando 56 anos de dedicação à modalidade em 2026. A escola anuncia aulas conduzidas por Ladislav, identificado no material de divulgação como faixa-preta 8º Dan.

Ladislav Lench e Roberto dos Passos: os protagonistas da implantação

Engenheiro agrônomo e médico veterinário, respectivamente, Ladislav Lench e Roberto dos Passos conciliaram suas profissões com o compromisso de ensinar karatê em Francisco Beltrão.

A primeira sede da Undo Kan funcionou na Travessa Frei Deodato, 230, em uma sobreloja próxima à Concatedral, no centro da cidade. Foi nesse espaço que desenvolveram o trabalho que contribuiria para a expansão do Wado Ryu na região.

Undo Kan: 49 anos de tradição e um legado que atravessa gerações no karatê do Sudoeste paranaense

Segundo o esclarecimento de Ladislav, a orientação técnica, a organização e a administração das atividades de karatê eram de responsabilidade exclusiva dele e de Roberto dos Passos.

O protagonismo dessa implantação pertence aos dois professores. A Undo Kan foi a escola pela qual esse trabalho ganhou continuidade, formando praticantes e preparando pessoas que posteriormente também se dedicariam ao ensino.

Uma caminhada iniciada em 1970

Ladislav começou a treinar Wado Ryu em Curitiba, no início de 1970. Em seu histórico, registra também um período de ensino em Rio do Sul, em Santa Catarina, em 1972, antes de iniciar o trabalho em Francisco Beltrão, em julho de 1977.

Desde então, sua relação com o karatê reúne prática, pesquisa, ensino e aperfeiçoamento técnico. Segundo seu relato, Ladislav é atualmente o praticante de karatê Wado Ryu mais antigo do Paraná ainda em atividade.

Essa permanência representa uma ligação viva entre diferentes gerações de praticantes e a história da modalidade no estado. Os 56 anos de prática ajudam a dimensionar a experiência que acompanha suas aulas: um aprendizado construído ao longo do tempo e compartilhado com sucessivas gerações.

Uma escola que formou professores e multiplicou conhecimento

O alcance da Undo Kan ultrapassa as paredes do dojô. Uma parte central de seu legado está nos alunos que se tornaram professores e nos praticantes formados por essas novas gerações.

De acordo com Ladislav, praticamente todos os professores que atualmente lecionam Wado Ryu no Sudoeste do Paraná são ex-alunos da Undo Kan ou alunos de seus ex-alunos.

Essa continuidade ajuda a compreender a importância regional do trabalho iniciado em 1977. Os ensinamentos se multiplicaram por meio de pessoas que abriram seus próprios espaços, conduziram turmas e transmitiram a outros praticantes as referências recebidas.

A trajetória inclui formação técnica, participação em competições e desenvolvimento de professores. Seu valor também aparece na disciplina, no respeito e na responsabilidade que cada geração procura levar para a vida cotidiana.

Wado Ryu: técnica orientada pela busca de harmonia

O Wado Ryu foi desenvolvido por Hironori Otsuka, reunindo conhecimentos do karatê de Okinawa e de sua formação anterior no jujutsu japonês. A apresentação histórica da organização japonesa Wado-Ryu destaca a harmonia como princípio central e relaciona a prática ao aperfeiçoamento humano.

Essa perspectiva permite compreender o Karatê-Dô para além da execução de golpes. A atenção à postura, à distância, ao tempo e ao controle dos movimentos faz parte de um processo de aprendizado que demanda constância.

Na proposta encaminhada pela Undo Kan, o ensino também procura valorizar perseverança, respeito, defesa pessoal e responsabilidade na convivência. A competição esportiva pode integrar esse percurso, mas não esgota as possibilidades da modalidade.

Undo Kan: 49 anos de tradição e um legado que atravessa gerações no karatê do Sudoeste paranaense

Um espaço dedicado ao treinamento

Segundo o material de apresentação da escola, o dojô atual é exclusivo para a prática do karatê e possui ambiente de estilo rústico, associado à preservação da tradição marcial.

A academia informa que não há outras atividades simultâneas no mesmo espaço e horário, buscando favorecer a escuta das orientações, a concentração e o desenvolvimento das aulas.

Também anuncia disponibilidade do local nos sete dias da semana para treinos individuais ou em pequenos grupos, mediante agendamento prévio. Essa possibilidade deve ser combinada diretamente com a escola, conforme disponibilidade e condições de atendimento.

Praticar em família: incentivo à continuidade

A Undo Kan apresenta duas condições especiais para familiares:

O desconto incide sobre o total das mensalidades correspondentes, conforme a condição divulgada.

A prática em família pode criar uma oportunidade de convivência e de organização de uma rotina compartilhada. Cada participante, entretanto, precisa ter suas condições, seu ritmo e seus objetivos respeitados.

Valores, critérios de participação familiar, duração da oferta e demais condições devem ser confirmados diretamente com a academia antes da matrícula.

Movimento, saúde e segurança precisam caminhar juntos

A Organização Mundial da Saúde reconhece os benefícios da atividade física regular para a saúde física e mental. Isso oferece uma base para incentivar uma vida mais ativa, sem atribuir a uma modalidade específica a capacidade de prevenir todos os problemas de saúde ou produzir resultados iguais para todas as pessoas.

No karatê, a proposta de cuidado deve acompanhar a orientação técnica, a progressão dos exercícios e o respeito às condições individuais. O treinamento não substitui acompanhamento profissional quando necessário.

Também é importante distinguir ensino voltado ao respeito e ao autocontrole de uma promessa de ausência de lesões. Existem registros científicos de lesões no karatê, inclusive revisões sobre a prática competitiva. Esses resultados não devem ser transferidos automaticamente para aulas tradicionais ou recreativas, mas demonstram por que não é adequado anunciar uma atividade física como isenta de risco.

A mensagem responsável é incentivar a prática com preparo, supervisão e atenção à segurança.

Endereço e horários divulgados

Undo Kan — Wado Ryu Karatê-Dô. Professor: Ladislav Lench — apresentado como 8º Dan. Endereço atual divulgado: Avenida Paraná, 1141, paralela à Rua Curitiba, em Francisco Beltrão — PR.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

Conhecimento que inspira. Experiência que forma.

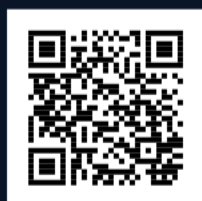
**Prof. Roque
Cortes Pereira**



Uma trajetória que conecta educação, comunicação, liderança institucional e artes marciais.

PALESTRAS · ENTREVISTAS · LIVROS · PROJETOS

Conheça o autor, explore suas obras e convide o professor para uma conversa sobre formação, propósito e construção de legado.



Conheça a trajetória e as obras.

roquecortespereira.com.br

WhatsApp: (11) 4289-0384

O Caminho do Judô: livro de Ricardo Robson da Silva destaca educação, ética e a essência de Jigoro Kano

Redação RCP News • 20/10/2026



Obra relaciona Kodokan, Bushidô e os princípios do Budô para refletir sobre a formação humana, o estudo permanente e a responsabilidade de ensinar dentro e fora do tatame.

Capa da obra de Ricardo Robson da Silva. Fotografia fornecida pelo Prof. Roque Cortes Pereira.

Mais do que aprender técnicas e conquistar graduações, praticar judô implica compreender os valores que orientam a própria conduta. Essa é a proposta apresentada no release de lançamento de O Caminho do Judô: Kodokan, Bushidô e a Essência de Jigoro Kano, de Ricardo Robson da Silva, divulgado em 20 de outubro de 2026.

Com o subtítulo Seiryoku Zenyo, Jita Kyohei e Ju Yoku O Seisu na Universalização do Budô, a obra dirige-se a judocas, professores, dirigentes e estudiosos das artes marciais. Seu eixo é o vínculo entre conhecimento dos fundamentos, formação moral e responsabilidade de transmitir o judô como caminho de educação para a vida.

O conhecimento precisa aparecer na conduta

O material de apresentação propõe uma leitura que ultrapassa a assimilação de conceitos: conhecer o texto, compreender seu contexto e transformar seus ensinamentos em atitudes. Nessa perspectiva, o aprendizado técnico deve encontrar correspondência nas relações construídas no dojô e na vida cotidiana.

O Caminho do Judô: livro de Ricardo Robson da Silva destaca educação, ética e a essência de Jigoro Kano

A reflexão ganha particular importância para aqueles que aspiram à condição de Kodansha. Segundo a proposta da obra, o aprofundamento técnico precisa caminhar com maturidade ética, estudo permanente e compromisso de servir. A graduação adquire sentido quando se expressa no exemplo oferecido dentro e fora do tatame.

Três princípios para orientar o caminho

O release organiza a abordagem em torno de três princípios, apresentados como referências para compreender o judô e a universalização do Budô:

- Seiryoku Zenyo: o melhor emprego da energia física e mental, com inteligência, eficiência e propósito.
- Jita Kyoei: o benefício e a prosperidade mútuos, reconhecendo que o aperfeiçoamento individual deve contribuir para o desenvolvimento coletivo.
- Ju Yoku O Seisu: a compreensão de que a suavidade e a capacidade de adaptação podem superar a rigidez e a oposição da força.

Na leitura proposta pelo autor, esses fundamentos aproximam o desenvolvimento pessoal da responsabilidade com o outro. A técnica integra um processo educativo mais amplo, que envolve disciplina, respeito, coragem moral, humildade e responsabilidade.

A responsabilidade de quem ensina

Ao relacionar Kodokan, Bushidô e a proposta educativa de Jigoro Kano, o livro convida o leitor a pensar sobre a coerência entre discurso e prática. O release também aborda os riscos da egolatria e da ostentação de títulos sem compromisso com o conhecimento e a formação humana.

Um espaço de treinamento pode ser erguido materialmente, mas sua legitimidade educativa depende das relações que nele se estabelecem. Nessa perspectiva, a autoridade do mestre se fortalece pelo exemplo, pela integridade e pelo cuidado com aqueles cuja formação lhe foi confiada.

Estudo permanente e compromisso coletivo

O material identifica Ricardo Robson da Silva como mentor do Sistema de Ensino a Distância da Liga de Judô Paulista e da Liga Internacional de Judô Yudanshakai-Kodanshakai. Nessa condição, o autor recomenda o estudo dos fundamentos a judocas e budocas interessados em aprofundar a compreensão do judô como filosofia de vida e instrumento de transformação social.

A universalização do Budô é apresentada como a capacidade de aproximar pessoas, educar pelo respeito e colocar o conhecimento a serviço da humanidade. O aperfeiçoamento pessoal, assim, é compreendido como compromisso com a construção de uma sociedade melhor.

Serviço: conheça a obra

- Título: O Caminho do Judô: Kodokan, Bushidô e a Essência de Jigoro Kano.
- Subtítulo: Seiryoku Zenyo, Jita Kyoei e Ju Yoku O Seisu na Universalização do Budô.
- Autor: Ricardo Robson da Silva.
- Formato informado no release: capa comum.
- Consulta: o release orienta buscar o título e o nome do autor na Amazon.com.br para verificar preço e disponibilidade.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

Eric Hoffer e o fanatismo: quando a certeza ocupa o lugar da verdade

Prof. Roque Cortes Pereira • 20/10/2026



O “filósofo estivador” investigou como a frustração, a necessidade de pertencimento e a entrega a causas absolutas podem alimentar a intolerância. Na era da inteligência artificial, suas perguntas ganham novas implicações para a autonomia intelectual e a responsabilidade de informar.

Ilustração conceitual gerada com inteligência artificial para a RCP News. Não representa um registro histórico.

Uma convicção pode orientar uma vida, sustentar uma luta justa e inspirar realizações coletivas. Mas o que acontece quando ela exige obediência irrestrita? Quando a dúvida se torna traição, os fatos passam a incomodar e o adversário perde o direito de ser reconhecido como pessoa?

Essas perguntas atravessam o pensamento de Eric Hoffer, escritor e filósofo social norte-americano conhecido como o “filósofo estivador”. Autodidata, trabalhou durante quase um quarto de século nas docas de São Francisco, mantendo sua atividade mesmo depois de alcançar reconhecimento intelectual.

Em 1951, publicou *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements*, obra divulgada no Brasil como *Fanatismo e Movimentos de Massa*. O livro investiga o poder de atração das causas coletivas e os mecanismos que podem transformar adesão em submissão. Hoffer morreu em 1983.

Sua reflexão desloca o olhar: para compreender o fanatismo, é preciso examinar tanto as promessas de uma doutrina quanto as necessidades emocionais de quem se entrega a ela.

Eric Hoffer e o fanatismo: quando a certeza ocupa o lugar da verdade

A busca da certeza e o abandono da dúvida

Uma frase atribuída a Hoffer sintetiza o problema:

Buscar a verdade exige aceitar a possibilidade do próprio erro, examinar evidências e ouvir objeções. A necessidade de certeza absoluta pode encerrar esse processo antes mesmo de ele começar: a resposta já está definida, e os fatos passam a ser selecionados conforme sua conveniência.

Nesse ambiente, questionar uma liderança torna-se deslealdade; reconhecer o mérito de um adversário, fraqueza; corrigir uma informação falsa, traição à causa.

A convicção deixa de orientar o pensamento e passa a controlar aquilo que a pessoa se permite pensar.

A promessa de escapar de si mesmo

Para Hoffer, a adesão fanática pode oferecer uma saída a quem considera a própria existência frustrada, sem valor ou sem perspectiva. A entrega a uma causa grandiosa permite substituir uma identidade pessoal insatisfatória pela segurança de uma identidade coletiva.

Sua análise também aproxima mecanismos de adesão a extremismos diferentes, examina o papel unificador do ódio e descreve como doutrinas podem proteger seus seguidores de fatos incômodos. São interpretações do autor sobre os movimentos que estuda, não leis universais do comportamento humano.

Essa leitura ajuda a formular uma pergunta sobre organizações que prometem reconhecimento imediato: o lugar oferecido ao indivíduo fortalece sua capacidade de agir ou exige que ele entregue seu julgamento?

Frustração não equivale a fanatismo. Pessoas enfrentam injustiças reais e se organizam legitimamente para transformar suas condições de vida. A participação política, religiosa, sindical ou comunitária pode ampliar a autonomia e a cidadania.

A questão é perceber o que acontece com a responsabilidade individual dentro do grupo. Seus integrantes podem discordar e fiscalizar seus dirigentes? Ou precisam aceitar que a causa justifica qualquer conduta?

Trocar de bandeira sem mudar a maneira de pensar

A hipótese de passagem entre extremismos provoca uma reflexão sobre o significado de mudar de opinião.

Rever uma posição diante de novas evidências é sinal de maturidade intelectual. Entretanto, uma pessoa também pode abandonar uma liderança e passar a venerar outra, preservando a mesma intolerância.

Mudam os símbolos, os discursos e os adversários. Permanece a disposição para obedecer sem questionar e condenar quem diverge.

Isso não torna todas as ideologias equivalentes. Seus objetivos, métodos, responsabilidades históricas e consequências precisam ser examinados em cada contexto. Reconhecer semelhanças na maneira de aderir a uma causa não elimina as diferenças entre projetos políticos ou crenças religiosas.

Uma revisão profunda envolve também a forma de pensar: a capacidade de conviver com perguntas, reconhecer limites e abandonar a necessidade de infalibilidade.

O inimigo como elemento de união

O papel atribuído por Hoffer ao ódio permite outra pergunta ao debate público: o que mantém determinada comunidade unida — aquilo que pretende construir ou aqueles que deseja destruir?

Denunciar injustiças, combater crimes e responsabilizar seus autores são ações necessárias. O perigo surge quando a acusação dispensa provas, a culpa se torna coletiva e qualquer discordância passa a confirmar uma suposta conspiração.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

A anatomia da omissão

Luís Mário Luchetta • 20/10/2026



Em artigo de opinião, Luís Mário Luchetta examina a abstenção, a responsabilidade individual e a participação cívica na construção do futuro do País.

Foto do autor fornecida para publicação. Composição editorial com apoio de inteligência artificial.

Na Grécia clássica, berço das primeiras reflexões sobre o convívio republicano, aqueles que se recusavam deliberadamente a tomar parte nas decisões da pólis recebiam uma designação singular: idiôtês. A palavra não carregava o sentido de ofensa intelectual que adquiriu nos séculos seguintes, mas apontava para uma falha moral evidente: tratava-se do indivíduo voltado estritamente para o próprio umbigo, incapaz de enxergar que a integridade do seu lar dependia diretamente da solidez dos muros da sua cidade.

A história é implacável com os que acreditam na inocuidade da neutralidade. Quando observamos o comportamento social em momentos de inflexão, a abstenção frequentemente tenta se fantasiar de virtude. O cidadão cético, desiludido com os vícios da política, cruza os braços e proclama com arrogante serenidade: “Nenhum deles me representa; portanto, lavo as minhas mãos”. Trata-se de uma das mais perigosas ilusões da modernidade. Na física da vida pública não existe o vácuo: quando a prudência, o trabalho e a honradez silenciam, a demagogia, o aparelhamento e o oportunismo ocupam o espaço de imediato. A água da bacia de Pilatos jamais limpou o peso de sua escolha.

A anatomia da omissão

A busca por um mandatário imaculado é sintoma de uma imaturidade cívica que não cabe mais a uma nação adulta. A política é, por definição, o terreno do imperfeito, do homem falível e das circunstâncias concretas. Esperar por salvadores da pátria desenhados sob medida para os nossos caprichos é o álibi perfeito para a covardia de não decidir. A maturidade nos ensina que escolher não significa assinar um cheque em branco de devoção, mas sim exercer o discernimento pragmático entre duas visões de mundo claramente contrastantes.

De um lado, perpetua-se a mentalidade paternalista que trata o cidadão como um incapaz tutelado, que gasta o que não tem em nome de uma generosidade ilusória e financia o presente hipotecando as próximas gerações. Do outro, reside a perspectiva da responsabilidade individual, do respeito a quem gera riqueza, da disciplina fiscal inegociável e da convicção de que a verdadeira dignidade nasce do mérito, do trabalho e das liberdades individuais.

Não se trata de conferir santidade a qualquer projeto, mas de reconhecer a rota elementar: um caminho aprofunda o abismo populista; o outro estabelece as fundações institucionais para que o País produza, cresça e preserve as regras do jogo democrático.

Omissão não é refúgio moral; é cumplicidade silenciosa com o resultado que vier. O voto de quem acorda cedo, empreende, educa seus filhos com retidão e cumpre suas obrigações civis tem exatamente o mesmo peso do voto dos grupos de pressão e dos profissionais do corporativismo estatal. Quando o primeiro desiste de comparecer, entrega de bandeja o leme da nação àqueles que vivem de perpetuar privilégios e benesses à custa do erário.

Nossa tarefa ética nestes dias cruciais vai além do nosso próprio comparecimento à cabine de votação. É imperativo exercer a liderança cívica no nosso círculo de convivência: despertar o jovem desencantado, confrontar o cinismo estéril dos cétricos e lembrar aos hesitantes que o futuro não é um acidente meteorológico, mas uma construção deliberada. O Brasil não será salvo por messias, mas pode ser resgatado da decadência pela lucidez corajosa de cidadãos que recusam o silêncio confortável da omissão.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

DESDE 2004 · DESENVOLVIMENTO HUMANO E INCLUSÃO

Oportunidades crescem quando caminhamos juntos.



Acervo FUNCLOB · Festival de Artes Marciais, 2023.

EDUCAÇÃO · FAMÍLIA · ESPORTE · OPORTUNIDADES

Tem uma iniciativa em educação, esporte, cultura ou cidadania? Apresente sua ideia e explore possibilidades de colaboração com a Fundação.



Sua iniciativa pode abrir caminhos.

funclob.org.br

Projetos e parcerias · WhatsApp: (11) 4289-0384

CEPT-Horta projeta novo ciclo de atendimento social em Lins com educação, alimentação e qualificação profissional

RCP News • 19/10/2026



Com mais de 56 anos de história, instituição articula uma creche para até 100 crianças, a estruturação de uma horta produtiva e educativa e a continuidade de um curso gratuito de eletricista residencial.

Robótica integra a programação educativa da instituição. Fotografia fornecida pela CEPT-Horta.

Uma instituição social constrói sua relevância na continuidade do cuidado: na criança que encontra apoio para aprender, na família que recebe acolhimento e na oportunidade de formação que pode abrir novas perspectivas de trabalho. Em Lins, no interior paulista, a Comunidade Educacional para o Trabalho, conhecida como CEPT-Horta, busca ampliar esse compromisso por meio de projetos que conectam diferentes necessidades da comunidade.

Com mais de 56 anos de atuação, a entidade apresenta três frentes: a implantação de uma creche, o desenvolvimento do projeto “Da Horta para sua Mesa” e a continuidade da capacitação gratuita em instalações elétricas residenciais, denominada “Energia que Transforma”.

As propostas têm estágios e necessidades distintos. A creche depende da viabilização de recursos e do cumprimento de etapas técnicas e administrativas. A horta possui planejamento de estruturação produtiva, beneficiamento e comercialização. O curso, segundo o material institucional, está em sua segunda turma. Em conjunto, as iniciativas procuram ampliar o alcance do atendimento social e criar condições para sustentá-lo ao longo do tempo.

Uma história ligada ao cuidado com crianças e adolescentes

De acordo com a apresentação institucional, a origem da CEPT-Horta está ligada à iniciativa do bispo diocesano Dom Paulo Pedro Koop e de sua sobrinha Elisabeth, conhecida como Els Koop. Ao longo das décadas, a instituição consolidou sua atuação no acolhimento e na educação de crianças e adolescentes.

CEPT-Horta projeta novo ciclo de atendimento social em Lins com educação, alimentação e qualificação profissional

A denominação “Horta” preserva a ligação com o cultivo de alimentos, atividade que integra sua memória e agora ocupa lugar central em uma proposta de renovação.

Atualmente, a entidade informa atender crianças e adolescentes de 6 a 15 anos em situação de vulnerabilidade social, com atividades no contraturno escolar. A programação reúne esporte, lazer, música, teatro, informática, robótica, biblioteca e acompanhamento psicológico e pedagógico.

A alimentação também compõe esse atendimento. Conforme o período frequentado, são oferecidos café da manhã, almoço, frutas e lanche da tarde. Essa organização reúne experiências de aprendizagem, convivência e acompanhamento que complementam a formação escolar e oferecem referências de cuidado às famílias.

Creche pretende ampliar o atendimento à primeira infância

A proposta de implantação da Creche CEPT prevê capacidade para até 100 crianças, com idades entre 4 meses e 4 anos. Segundo a instituição, o projeto responde a necessidades relacionadas à expansão residencial de Lins e à procura por atendimento à primeira infância.

O planejamento contempla o aproveitamento de cozinha, refeitório e lavanderia existentes, além da reforma de duas salas e da construção de três prédios adicionais. A entidade informa que a área destinada à implantação está regularizada e que o projeto arquitetônico se encontra em processo de aprovação junto à Prefeitura.

O investimento estimado é de aproximadamente R\$ 1,8 milhão, com previsão de execução ao longo de 24 meses, condicionada à obtenção dos recursos e ao cumprimento das etapas necessárias. São referências de planejamento, sem representar anúncio de início das obras ou abertura de matrículas.

A relevância da proposta envolve as crianças e suas famílias. Um atendimento organizado à primeira infância pode apoiar o desenvolvimento infantil e oferecer melhores condições para que responsáveis conciliem trabalho e cuidado. A continuidade exigirá planejamento de equipe, manutenção, alimentação e demais despesas de funcionamento.

Da Horta para sua Mesa conecta produção e finalidade social

O projeto “Da Horta para sua Mesa” pretende transformar a área de cultivo em uma estrutura integrada de produção, educação alimentar e geração de receitas para a instituição.

O desenho prevê 32 canteiros de 15 metros de comprimento por 1 metro de largura. Aproximadamente 30 serão destinados à produção e dois a plantas auxiliares, protetoras e manejo. Também estão previstas duas áreas para o cultivo de mamão, banana e mandioca.

Entre os alimentos relacionados estão alface, rúcula, couve, cenoura, beterraba, abobrinha, pepino, quiabo, berinjela e batata-doce. A composição efetiva dependerá das condições do solo, da época do ano, da produtividade e da demanda.

O plantio escalonado deverá distribuir os ciclos de cultivo para favorecer a regularidade das colheitas. Essa organização será importante porque o projeto combina três finalidades: contribuir para a alimentação dos assistidos, levar produtos às famílias e comercializar parte da produção para apoiar o trabalho social.

CEPT-Horta projeta novo ciclo de atendimento social em Lins com educação, alimentação e qualificação profissional

Alimentos para os assistidos e suas famílias

A apresentação institucional estabelece como prioridade a contribuição da horta para a alimentação das crianças e dos adolescentes atendidos. Também prevê entregas semanais de produtos às famílias dos assistidos, ampliando o alcance da iniciativa para além das refeições oferecidas na entidade.

Ao aproximar cultivo e atendimento social, a CEPT-Horta pretende fazer com que a produção local complemente a alimentação doméstica e fortaleça a relação com as famílias. A frequência e a composição dessas entregas acompanharão a implantação e a capacidade de produção. O planejamento ainda não fixa o número de famílias beneficiadas nem a quantidade de alimentos por entrega.

Uma horta como espaço de aprendizagem

A preparação do solo, a germinação, a irrigação e o crescimento das plantas podem aproximar conteúdos escolares de experiências concretas. Medidas dos canteiros, registros de desenvolvimento e acompanhamento do uso da água oferecem possibilidades de atividades em Ciências, Matemática e produção de textos.

O projeto prevê abordar compostagem, aproveitamento de resíduos orgânicos, redução do desperdício e alimentação saudável. Acompanhando um ciclo de cultivo, os participantes encontram situações que exigem observação, cooperação e respeito ao tempo de desenvolvimento das plantas.

A participação de crianças e adolescentes tem finalidade educativa, adequada à faixa etária e acompanhada por responsáveis. A operação produtiva e comercial deverá contar com estrutura própria, preservando o caráter pedagógico das atividades dos assistidos.

Beneficiamento e quitanda integram a estrutura prevista

O projeto contempla adaptar um espaço de aproximadamente 35 metros quadrados para recepção, seleção, lavagem, higienização, preparação e embalagem dos alimentos. O fluxo proposto organiza a passagem dos produtos entre as etapas, reduzindo cruzamentos entre alimentos recém-chegados do cultivo e os já higienizados.

Está prevista ainda a reforma de uma sala de 20 metros quadrados para a Quitanda CEPT-Horta. Outro canal planejado é a comercialização de cestas semanais, com composição variável conforme a disponibilidade, inicialmente para consumidores individuais e, posteriormente, condomínios.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

Irmão José Alarico Rebouças: uma trajetória de dedicação, trabalho e compromisso com a comunidade

Prof. Roque Cortes Pereira • 19/10/2026



Em homenagem à sua memória, Prof. Roque Cortes Pereira recorda uma iniciativa que aproximou instituições, levou o karatê a crianças e envolveu suas famílias em atividades de aprendizagem e cooperação.

Registro histórico de encontro institucional. Acervo do Prof. Roque Cortes Pereira.

Recebo com profundo pesar a notícia do falecimento do Irmão José Alarico Rebouças. Aos seus familiares, amigos, colegas e companheiros de caminhada, expresso minhas sinceras condolências e minha solidariedade neste momento de despedida.

Ao recordar seus muitos anos de dedicação e trabalho, desejo prestar uma homenagem que também preserve a memória de uma realização coletiva. Entre os registros dessa trajetória, um documento de maio de 2012 merece especial atenção: a newsletter da Distrital Centro da Associação Comercial de São Paulo — ACSP, volume 2, edição 2.

Na seção “Palavra do Superintendente”, sob o título “Projeto de Longa Maturação — O que podemos fazer juntos com outras entidades”, o boletim apresenta uma experiência que articulava esporte, participação familiar, aprendizagem e cooperação institucional.

Irmão José Alarico Rebouças: uma trajetória de dedicação, trabalho e compromisso com a comunidade

É uma história da qual tive a oportunidade de participar e que hoje relembro com respeito, gratidão e saudade.

Uma aproximação que abriu caminhos

O relato registra que o Irmão José Alarico Rebouças, anteriormente presidente do Rotary Club Campos Elíseos e, naquele momento, diretor superintendente da Distrital Centro da ACSP, promoveu minha aproximação com a Associação Cristã de Moços — ACM, por intermédio de Izabel Aparecida Vito Lopes.

Essa articulação possibilitou o início de aulas de Karatê-Do na ACM. O documento também relata a realização de aulas no CAMP — Centro de Aprendizado e Melhoramento Profissional —, vinculado à atuação da Distrital Centro.

Do karatê à participação das famílias

Uma das passagens mais significativas do documento mostra como o projeto ultrapassou os limites das aulas oferecidas às crianças.

Segundo o relato, mães dos alunos, também em situação de vulnerabilidade, manifestaram o desejo de praticar Karatê-Do. A aproximação com essas famílias contribuiu para a formação de uma comunidade e para a criação de um Núcleo Rotário de Desenvolvimento Comunitário, tendo Izabel como sua primeira presidente.

O esporte tornava-se, assim, um ponto de encontro. A partir dele, surgiam vínculos e novas possibilidades de participação.

Na minha leitura, esse é um dos aspectos mais valiosos da experiência: reconhecer as famílias como participantes da construção do projeto, com interesses, capacidades e disposição para aprender.

Costura, reaproveitamento e confiança no próprio trabalho

O boletim também descreve o apoio de uma profissional de costura que comparecia aos domingos para ensinar a comunidade e aperfeiçoar a produção realizada pelo grupo.

O texto relata uma dificuldade inicial: a vergonha de vender aquilo que produziam. Com o desenvolvimento das atividades, as participantes passaram a transformar roupas usadas em novos artigos, como sacolas para compras.

A iniciativa reuniu apoio para equipamentos, tecidos e confecção de quimonos, com contribuições de diferentes clubes de Rotary e parceiros.

Esses registros revelam um projeto que articulava necessidades concretas: aprender uma habilidade, aproveitar materiais, confeccionar os uniformes das crianças e fortalecer a confiança das famílias em sua própria capacidade de produzir.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

Formar um juiz arbitral é formar responsabilidade — não apenas entregar um certificado

Prof. Roque Cortes Pereira — Juiz Arbitral • 13/10/2026



Conhecimento jurídico, equilíbrio, ética, independência e atualização permanente sustentam a credibilidade da arbitragem.

Competência técnica e conduta ética são inseparáveis da confiança depositada no árbitro.

A formação de um juiz arbitral não pode ser reduzida à entrega de um certificado. O documento registra uma etapa de estudo; a responsabilidade começa quando o profissional compreende a dimensão da confiança que poderá receber das partes e o peso das decisões que vier a proferir.

A arbitragem ocupa lugar relevante na solução de controvérsias envolvendo direitos patrimoniais disponíveis. Sua legitimidade nasce da autonomia das partes, que escolhem submeter determinado conflito a um ou mais árbitros. Essa escolha, porém, não diminui a exigência de qualidade. Ao contrário: quanto maior a autonomia, maior deve ser o compromisso com competência, independência, transparência e rigor procedimental.

A confiança das partes é o primeiro fundamento

A Lei nº 9.307/1996 estabelece que pode atuar como árbitro a pessoa capaz que tenha a confiança das partes. A redação é simples, mas seu significado é profundo. Confiança não se presume por causa de um título impresso, de uma carteira funcional ou de uma apresentação institucional. Ela é construída por conhecimento, reputação, postura e coerência.

A mesma lei determina que o árbitro proceda com imparcialidade, independência, competência, diligência e discrição. Esses cinco deveres devem orientar tanto a formação inicial quanto a atuação cotidiana. Não são qualidades decorativas: são critérios concretos para a validade, a legitimidade e a credibilidade do procedimento arbitral.

Formar um juiz arbitral é formar responsabilidade — não apenas entregar um certificado

Certificado é começo, não linha de chegada

Uma formação séria precisa oferecer fundamentos jurídicos, prática procedimental e educação ética. O aluno deve compreender a convenção de arbitragem, a cláusula compromissória, o compromisso arbitral, a competência do tribunal arbitral, a produção de provas, o contraditório, a igualdade entre as partes, os requisitos da sentença e as hipóteses legais de controle judicial.

Também precisa aprender a reconhecer os próprios limites. Nenhum curso transforma experiência inexistente em maturidade automática. Há situações que exigem estudo adicional, conhecimento técnico especializado, composição colegiada ou mesmo a recusa da nomeação. Saber dizer que não possui condições para assumir determinado caso é uma demonstração de responsabilidade, não de fraqueza.

Os cinco eixos de uma formação responsável

O primeiro eixo é o conhecimento jurídico. O árbitro precisa dominar a Lei de Arbitragem, os princípios processuais aplicáveis e o regulamento da instituição escolhida. O segundo é o método: organizar o procedimento, garantir manifestação equilibrada das partes, avaliar provas e fundamentar a decisão de forma clara.

O terceiro eixo é a ética. A imparcialidade não pode existir apenas na consciência de quem julga; ela deve ser percebida pelas partes a partir de condutas transparentes. O quarto é a comunicação. Escutar com atenção, formular perguntas adequadas e redigir decisões compreensíveis são competências essenciais. O quinto eixo é a atualização permanente, porque legislação, jurisprudência, tecnologia, proteção de dados e práticas institucionais estão em constante evolução.

Independência e dever de revelação

Antes de aceitar a função, a pessoa indicada deve revelar qualquer fato que possa gerar dúvida justificada sobre sua imparcialidade ou independência. Relações profissionais, comerciais, acadêmicas ou pessoais relevantes precisam ser avaliadas com seriedade. O silêncio diante de um possível conflito pode comprometer a confiança das partes e colocar em risco todo o procedimento.

Decisão recente divulgada pelo Superior Tribunal de Justiça reforçou essa responsabilidade ao manter a anulação de sentença arbitral em caso no qual um vínculo profissional relevante não foi revelado. A lição é objetiva: transparência não é formalidade periférica; é parte da própria legitimidade do julgamento.

Juiz de fato e de direito — dentro do caso arbitral

A lei afirma que o árbitro é juiz de fato e de direito e que sua sentença, em regra, não depende de homologação judicial. Isso demonstra a relevância de sua função no procedimento para o qual foi escolhido. Mas essa expressão não transforma o árbitro em magistrado estatal, não cria cargo público e não autoriza atuação fora dos limites da convenção de arbitragem.

Formar um juiz arbitral é formar responsabilidade — não apenas entregar um certificado

A autoridade arbitral nasce da lei e da vontade válida das partes para resolver uma controvérsia determinada. Por isso, qualquer formação responsável deve combater exageros de linguagem, promessas profissionais irreais e confusões entre jurisdição privada e Poder Judiciário.

A técnica precisa caminhar com equilíbrio humano

Conflitos não são apenas documentos organizados em um processo. Eles envolvem empresas, famílias, patrimônios, relações comerciais, projetos e reputações. O árbitro não deve substituir a técnica pela emoção, mas também não pode ignorar que suas decisões atingem pessoas e organizações concretas.

Equilíbrio significa conduzir o procedimento com firmeza sem arrogância, ouvir sem perder a objetividade e decidir sem transformar poder em vaidade. A autoridade legítima não precisa humilhar para ser respeitada. Ela se afirma pela preparação, pela serenidade e pela coerência.

Formar para servir à justiça eficiente

O crescimento da arbitragem depende menos da quantidade de certificados emitidos e mais da qualidade das pessoas preparadas para atuar. Instituições de ensino e câmaras arbitrais precisam adotar critérios claros, professores experientes, exercícios práticos, avaliação real de aprendizagem e compromissos éticos verificáveis.

Ao aluno cabe estudar além do material recebido. Ao professor cabe não oferecer atalhos enganosos. À instituição cabe proteger a credibilidade do instituto arbitral. E ao futuro árbitro cabe compreender que cada nomeação exige renovação da confiança.

Formar um juiz arbitral é formar alguém capaz de decidir com conhecimento, independência e consciência das consequências. O certificado pode abrir uma porta. Somente a responsabilidade sustentará a caminhada.

STJ, Terceira Turma: decisão sobre dever de revelação, divulgada em 20/05/2026. [Clique aqui](#).

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui](#) para acessar o portal.

O conflito pede um caminho. Construa a solução.

Diálogo, técnica e responsabilidade na solução de conflitos.

Conheça a Câmara da FADESP Brasil e informe-se sobre mediação e arbitragem. Escolher um método adequado começa por compreender o conflito e as possibilidades de resolução.

MEDIAÇÃO

Um espaço para diálogo e construção de acordos entre as partes.

ARBITRAGEM

Decisão de conflitos sobre direitos patrimoniais disponíveis, mediante convenção arbitral.

INFORMAÇÃO

Consulte a instituição sobre atendimento, procedimentos e condições aplicáveis.



Conheça a Câmara. Inicie uma conversa.

fadespbrasil.org.br

WhatsApp institucional: (11) 94141-1018

Saúde não é punição: é consciência, acesso e cuidado contínuo

Prof. Roque Cortes Pereira · 11/10/2026



Prevenir a obesidade exige informação responsável, alimentação adequada, movimento, acompanhamento profissional e políticas que tornem escolhas saudáveis realmente possíveis.

As artes marciais podem favorecer movimento, disciplina e pertencimento quando praticadas com orientação e respeito aos limites individuais.

Falar sobre obesidade exige responsabilidade. Durante muito tempo, o tema foi reduzido a uma conta simplista entre força de vontade, alimentação e aparência. Essa leitura não apenas empobrece o debate: ela produz culpa, reforça preconceitos e afasta pessoas do cuidado de que necessitam.

Saúde não deve ser tratada como punição. Movimento não é castigo por aquilo que se comeu. Alimentação não pode ser organizada pelo medo. E nenhum corpo deve ser transformado em motivo de constrangimento. Cuidar é ampliar possibilidades, construir autonomia e oferecer condições reais para escolhas mais saudáveis.

Uma questão que vai além da responsabilidade individual

A obesidade é uma condição complexa, influenciada por fatores biológicos, emocionais, sociais, econômicos e ambientais. Renda, jornada de trabalho, acesso a alimentos adequados, espaços seguros para atividade física, sono, saúde mental, mobilidade urbana e acompanhamento profissional interferem diretamente na vida cotidiana.

Saúde não é punição: é consciência, acesso e cuidado contínuo

Por isso, prevenção séria não se faz com slogans que culpam o indivíduo. Ela exige atenção básica fortalecida, educação alimentar, políticas urbanas, ambientes escolares saudáveis, combate ao estigma e acesso continuado a equipes multiprofissionais.

As artes marciais como ferramentas de cuidado

Depois de décadas no Karatê-Dô e no Judô, aprendi que as artes marciais podem contribuir de maneira singular para uma vida mais ativa. Elas oferecem movimento, coordenação, equilíbrio, consciência corporal e fortalecimento progressivo. Mas sua contribuição não termina no esforço físico.

O dojô ensina constância. O praticante compreende que evolução não acontece em um único treino e que disciplina não é violência contra si mesmo. Disciplina é criar uma rotina possível, respeitar limites, aprender com o processo e retornar no dia seguinte.

As artes marciais também constroem pertencimento. Treinar em grupo, ser orientado por um professor qualificado e compartilhar objetivos ajuda a enfrentar o isolamento e favorece a continuidade da prática. Para muitas pessoas, essa dimensão comunitária é tão importante quanto o exercício.

Nem promessa de emagrecimento, nem solução isolada

É preciso deixar um limite muito claro: artes marciais não são tratamento isolado para a obesidade, não substituem avaliação médica, orientação nutricional ou acompanhamento psicológico. Também não devem ser divulgadas como promessa rápida de perda de peso.

Cada pessoa possui condições, necessidades e limitações próprias. Quem está sedentário, vive com dor, possui doenças crônicas ou apresenta mobilidade reduzida deve receber orientação adequada antes de iniciar uma prática. A boa pedagogia marcial adapta o treino; não humilha, não expõe e não exige além do que pode ser realizado com segurança.

Movimento precisa caber na vida real

Uma política de prevenção coerente precisa aproximar as pessoas das práticas que fazem sentido para elas. Caminhada, dança, natação, musculação, esportes coletivos, Karatê, Judô ou outras modalidades podem integrar uma rotina saudável quando há prazer, segurança, orientação e continuidade.

O melhor movimento não é o que aparece como tendência. É aquele que a pessoa consegue praticar com regularidade, respeitando sua realidade e suas condições de saúde.

Consciência, acesso e cuidado contínuo

Consciência é compreender que saúde envolve alimentação, movimento, sono, emoções e relações. Acesso é assegurar que alimentos adequados, espaços de prática e atendimento profissional não sejam privilégios. Cuidado contínuo é abandonar soluções instantâneas e construir acompanhamento que respeite a pessoa inteira.

Precisamos trocar a linguagem da punição pela linguagem da responsabilidade compartilhada. O indivíduo participa do processo, mas famílias, escolas, empresas, cidades, profissionais e governos também possuem deveres.

As artes marciais podem fazer parte desse caminho porque ensinam algo fundamental: transformar-se não significa guerrear contra o próprio corpo. Significa conhecê-lo, educá-lo e cuidar dele com paciência, orientação e respeito.

Saúde não é um prêmio reservado a quem alcança determinado padrão estético. É um direito, uma construção cotidiana e uma responsabilidade coletiva.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

A felicidade começa no caminho: atenção, propósito e relações para uma vida de realizações

Prof. Roque Cortes Pereira • 16/10/2026



Na educação, no esporte, na liderança e na vida cotidiana, cultivar o bem-estar e desenvolver a presença consciente pode ajudar a construir uma trajetória de desempenho, equilíbrio e sentido.

Arte editorial criada com apoio de inteligência artificial, a partir de material fornecido pelo autor.

Há pessoas que passam a vida esperando o momento certo para serem felizes. Primeiro, precisam concluir os estudos, conquistar uma posição profissional, melhorar a renda, vencer uma competição ou alcançar o reconhecimento pelo qual tanto trabalharam. Quando uma dessas etapas se realiza, uma nova exigência ocupa seu lugar. A satisfação permanece condicionada à próxima chegada.

Essa experiência atravessa diferentes realidades. O estudante espera a aprovação. O atleta concentra suas expectativas no pódio. O executivo projeta a realização na promoção ou no cumprimento de uma meta. Muitas pessoas acreditam que poderão cuidar de si quando as obrigações diminuïrem.

Ter objetivos é importante. Eles orientam escolhas, mobilizam esforços e ajudam a organizar projetos. Entretanto, quando toda possibilidade de satisfação é transferida para o futuro, a caminhada pode perder seu valor. O presente se transforma em uma sucessão de tarefas a suportar.

A felicidade começa no caminho: atenção, propósito e relações para uma vida de realizações

Proponho outra maneira de pensar essa trajetória: cuidar da qualidade da vida enquanto construímos nossas realizações. Isso significa dar atenção aos hábitos, à interpretação das dificuldades, às relações humanas e ao sentido daquilo que fazemos.

Uma revisão de pesquisas conduzida por Sonja Lyubomirsky, Laura King e Ed Diener encontrou evidências compatíveis com uma relação de reciprocidade: conquistas podem ampliar o bem-estar, e experiências frequentes de emoções positivas podem favorecer comportamentos associados ao sucesso. Não se trata de uma garantia individual, mas de uma contribuição importante para compreender o desenvolvimento humano.

Essa perspectiva nos convida a integrar desempenho e cuidado desde o início. A vida que desejamos precisa encontrar espaço na vida que estamos vivendo.

Realização exige uma definição pessoal de sucesso

Antes de perguntar como alcançar o sucesso, precisamos examinar o que ele representa para nós.

Para um atleta, pode significar melhorar sua execução, conquistar uma classificação ou representar sua equipe com dignidade. Para um executivo, pode envolver conduzir um projeto relevante, desenvolver pessoas e entregar resultados consistentes. Para um professor, pode estar no avanço de seus estudantes e na qualidade do trabalho que constrói. Para muitas pessoas, a realização se expressa em sustentar a família, recuperar a saúde, conquistar autonomia ou viver com mais serenidade.

Essas possibilidades mostram que o sucesso possui dimensões que ultrapassam a visibilidade pública. Há conquistas importantes que não recebem medalhas, aplausos ou anúncios.

Quando adotamos exclusivamente os critérios de reconhecimento dos outros, podemos avançar em uma direção que pouco corresponde aos nossos valores. Por isso, considero necessário perguntar: o que desejo construir? Que responsabilidades assumo? Que preço estou pagando? Minha maneira de buscar resultados é compatível com a pessoa que desejo ser?

O propósito ajuda a orientar essas escolhas. Ele precisa aparecer nas atitudes e nas prioridades que organizam a rotina.

A maneira de interpretar os desafios influencia a resposta

Uma dificuldade pode ser compreendida como um problema específico ou como uma sentença sobre quem somos. Essa diferença merece atenção.

O estudante que encontra obstáculos em uma disciplina precisa identificar o que ainda não compreendeu. O atleta que apresenta um desempenho abaixo do esperado pode examinar aspectos técnicos, táticos e de preparação. O executivo que enfrenta um projeto malsucedido precisa avaliar decisões, recursos e condições de execução.

Em todas essas situações, transformar um resultado em julgamento definitivo sobre o próprio valor dificulta a análise. Uma avaliação mais precisa permite reconhecer responsabilidades sem apagar capacidades e possibilidades de desenvolvimento.

Na educação e no esporte, essa distinção é especialmente importante. Uma pessoa em formação precisa aprender a receber orientações, corrigir erros e persistir. Para isso, deve encontrar exigência acompanhada de respeito e critérios claros.

Na liderança, vale o mesmo princípio. Quando um problema é tratado apenas pela procura de culpados, informações importantes podem deixar de aparecer. Proponho uma gestão que investigue causas, estabeleça responsabilidades e transforme a análise em decisões concretas.

Trechos selecionados. Matéria completa e referências: [clique aqui para acessar o portal](#).

Jornalismo de profundidade. Inteligência que gera transformação.

Conhecimento ganha sentido quando encontra pessoas, abre caminhos e contribui para a construção do futuro.